

Otorevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

Ano XXII

São Paulo, Fevereiro de 1995

Nº 248

PRIMEIRO SEMINÁRIO DA ALIANÇA EM 95 ESPIRITUALIZAÇÃO DO AMBIENTE DO CENTRO ESPÍRITA

Conforme decidido na Reunião Geral de 94, os seminários continuarão em 95 com os mesmos propósitos e quase os mesmos temas. A finalidade será sempre a de manter vivos os princípios que orientam o trabalho da Aliança, e debater amplamente os fundamentos do nosso programa.

Voltamos, portanto, ao primeiro tema: Espiritualização do ambiente do Centro Espírita. Reuniram-se 47 participantes, simultaneamente

em duas salas, na Secretaria da Aliança, à Rua Genebra, 168, São Paulo, no dia 28 de Janeiro, das 13:30 h às 17:30 h.

Causa ou Efeito?

A reunião teve início abordando-se alguns assuntos periféricos, como por exemplo, "qual o grau de silêncio deve ser exigido nos trabalhos do Centro Espírita?", "como se transmitem as normas disciplinares às equipes de trabalhadores?", "como são recebidas e praticadas estas nossas deliberações e normas discutidas em nossas reuniões

gerais e seminários?", etc. Até que se chegou à questão que de fato nos leva a pensar em nossa postura: "A espiritualização do ambiente é **causa** ou **efeito** do comportamento dos trabalhadores e freqüentadores?"

Até que ponto o ambiente torna-se mais espiritualizado como consequência do comportamento dos trabalhadores?

Destrinçando mais a questão: até que ponto o ambiente torna-se mais espiritualizado como consequência do comportamento dos trabalhadores e, em contrapartida, em que medida os encarnados presentes nesse

ambiente sentem-se mais convidados à elevação espiritual individual devido à reunião dos fatores favoráveis do ambiente, como a luz suave, o som ambiente, o tom de voz dos presentes, a ordem no arranjo físico, etc.?

Abrindo um parêntese, é bom retomar o conceito de espiritualização do ambiente. Esta expressão, interpretada literalmente, é redundante, do ponto de vista dos conhecimentos espíritas. Todo ambiente do plano material é um subconjunto de um espaço maior, compreendendo a dimensão espiri-

tual. Em todo lugar há espíritos, seja vivendo mentalmente adstritos aos limites do plano material, quando ainda ligados às necessidades deste plano, seja vivendo em ambientes espirituais que, do estreito ponto de vista dos nossos sentidos, "interpenetram-se" ocupando simultaneamente o "mesmo" espaço, mas separados por diferenças vibratórias.

Mas, quando em nossos encontros falamos da espiritualização do ambiente do Centro Espírita, é num sentido totalmente diverso. O termo espiritualização aqui vai utilizado em contraponto aos ambientes materializados em que normalmente vivemos.

Vejam alguns possíveis contra-exemplos: se num escritório só presenciamos diálogos referentes ao enriquecimento material, se numa oficina somente vivenciamos cenas de brutalidade ou de

NESTA EDIÇÃO:

1º Seminário AEE/95

O Livro dos Médiuns

Coluna Allan Kardec:

Escolha das Provas

Ainda 1º Seminário...

Às Criaturas de Bem

repetição mecânica, se numa sala de aula somente se tratar de assuntos ligados ao currículo de matérias que tem de ser cumprido, se numa quadra de esportes somente vive-se uma competitividade agressiva, se num bar ou restaurante somente se tratar de assuntos pueris ou inferiores, encontramos ambientes onde o ser humano vive ferreamente materializado, ou seja, voltado única e exclusivamente para o aspecto material de sua existência.

Assim refletindo, quando mentalizamos o ambiente ideal de um Centro Espírita, de uma Igreja Católica Ro-

mana, de um Templo Protestante, de uma Sinagoga, de uma Mesquita, ou de um Templo Budista, percebemos que nestes locais deveremos encontrar algo que toque o ser humano, retirando-o por momentos do ciclo de interesses materiais, para que se lembre que é um ser espiritual, com sentimentos e pensamentos próprios, de essência abstrata e potencialidades divinas.

Portanto, quando falamos de Espiritualização do Ambiente do Centro Espírita, referimo-nos à capacidade que tem o Centro Espírita de despertar a consciência espiritual do homem. Nesse sentido, tudo o que, nesse ambiente, estiver em contradição com tal princípio, prejudica as finalidades básicas do próprio Centro.

Retomemos a questão: a espiritualização do ambiente é **causa** ou **efeito** do comportamento dos freqüentadores? Percebamos que uma série de condições favoráveis existentes no ambiente induzem ao comportamento adequado. Um assistido, ao chegar de um ambiente profissional carregado de tensões, é envolto em fatores profunda-

mente diferentes: recebido com gentileza, entrevistado com atenção e empatia, conduzido comedidamente a um ambiente de silêncio, onde pode arrefecer a própria atividade mental, parando para ouvir os próprios pensamentos e sentir os próprios sentimentos, escuta uma exposição singela sobre conduta e valores morais baseados no Evangelho, recebe um Passe que, se a princípio não pode

compreender, nem por isso deixa de perceber a seriedade e carinho com que os Passes são aplicados... Convenhamos, estes fatores são convidativos ao fortalecimento dos valores do espírito e não da matéria.

Analogamente, os trabalhadores voluntários, chegando para participarem das atividades do Centro Espírita, encontram recursos para desligarem-se das preocupações materiais, deparam-se com o respeito, a ordem e o equilíbrio, são recebidos amorosamente pelos dirigentes e colegas, fortalecem-se no silêncio, na meditação, no ambiente saturado de vibrações superiores. Conseguem, então, perceber e captar condições mais adequadas para a eficácia das suas atividades.

Mas esse conjunto de fatores benéficos só existe porque a postura das pessoas responsáveis assim o construiu e organizou. A paz e o silêncio não existiriam se um único freqüentador se movimentasse ruidosamente, se expressasse com espalhafato, cumprimentasse os outros com exagerada efusividade.

O assistido que comparece pela primeira vez, via de regra imita os demais, por ato reflexo de defesa e segurança num ambiente desconhecido. Depois, começa a perceber os benefícios decorrentes de uma postura mais serena. E, mais tarde, como colaborador voluntário, será um dos responsáveis pela manutenção desse equilíbrio.

Portanto, se o ambiente do Centro Espírita é um motivo de maior favorecimento à espiritualização dos assistidos, ele é construído pela soma da conduta consciente dos trabalhadores em função de uma busca de maior espiritualização.

Em Nossa Aliança

Se o que foi comentado é verdadeiro para todos os Centros Espíritas, sob o ponto de vista do nosso programa de Aliança adquire um aspecto de maior responsabilidade ainda.

Lembramos que todos os nossos esforços são no sentido da redenção humana. A atividade fundamental em nossos Grupos Integrados é, sem dúvida nenhuma, a Escola de Aprendizes do Evangelho, dado o seu caráter libertador de consciências. Portanto, encara-

mos a própria Assistência Espiritual como uma porta de entrada, e não como um fim em si mesma. Os Passes permitem colaborar na reconquista de um equilíbrio

individual que permite o assistido reestruturar-se. Não podem conduzir à dependência e, por isso mesmo, na Assistência Espiritual deixamos claro o mais rapidamente possível, que a possibilidade de cura reside no próprio indivíduo, devendo ele mesmo conhecer-se melhor para que o progresso seja alcançado. Sabemos que, quando há mérito, quando é chegada a hora e são alcançadas as condições, o Passe cura, o médico cura, o curandeiro cura, o analista cura. Mas en-

Depois, o assistido começa a perceber os benefícios decorrentes de uma postura mais serena

Para poder lembrar-se que é um ser espiritual...

quanto não for identificada a verdadeira causa, o "eu" interior, o ser humano vai andar dependendo de "muletas", que ilusoriamente pensa que são seu remédio e sua salvação.

Nesse contexto, somente o exemplo transforma. Se realmente vivemos segundo o princípio de que somos espíritos eternos e que a encarnação é ferramenta para crescimento evolutivo, devemos nos conduzir de modo coerente. Não podemos dar destaque, no Centro Espírita, a comportamentos que traduzam toda a materialidade do mundo atual. Vozerio, algazarra, festejos, conversação vazia, detalhamentos sobre assuntos financeiros, são alguns comportamentos que remetem à lembrança da conduta no mundo material.

Em nossa Aliança, os dirigentes de cursos e atividades espirituais são referenciais. Não são donos ou condutores dos trabalhos. Mas certamente detêm a responsabilidade de caminhar ao lado dos companheiros com mais consciência em relação às metas a alcançar. Multiplicam sua conduta não pelo que falam, mas pelo que fazem, pois "conduta" não é para ouvir nem falar, e sim para vivenciar.

Conscientização

O grupo de alunos e trabalhadores estabelece tacitamente as regras de comportamento que devem ser seguidas. Não há um "regulamento" formal (permitam-nos o neologismo), um regimento escrito no papel. As normas de conduta devem estar escritas na consciência, e se fixam através da formação de uma nova mentalidade. Eis alguns exemplos citados na ocasião:

Um companheiro presente à reunião relatou que sentia o ambiente do Centro Espírita tão pleno de energias espirituais positivas que, mesmo quando estava só e vinha

para trocar uma lâmpada queimada, ele se sentia impelido a manter uma postura de serenidade, silêncio e ordem.

Outro companheiro relatou exemplo dignificante dado por uma simples faxineira. Certa ocasião a senhora responsável pela limpeza do Centro convidou uma colega de profissão a auxiliá-la, pois haveria mais trabalho a fazer em menos tempo. Quando a colega fez menção de acender um cigarro, a primeira a impediu: "Desculpe-me, mas aqui neste ambiente não se pode fumar". Ao que a outra argumentou: "Mas estamos só nós, e este ambiente é muito grande!". A primeira insistiu: "Sim, mas aqui não pode". Mais tarde, em outro momento, a colega começou a cantar e assobiar músicas da moda, sendo também impedida pela companheira. Estranhando, a novata perguntou: "Mas por quê aqui tem de ser tão diferente?". Ao que a responsável pelo trabalho explicou:

"Sabe, eu fui auxiliada neste Centro. Agora assisto aulas num curso e aprendemos que neste ambiente se faz o bem em todos os momentos, e aprendemos que o nosso pensamento pode ajudar ou perturbar tudo isso". Vejam, companheiros, que lição!

De fato, outro aspecto que não se pode esquecer é a função de pronto-socorro espiritual, tantas vezes relatada pelos mentores em obras mediúnicas as mais diversas. Há trabalho ininterrupto no Plano Espiritual, que tanto atua em tarefas de socorro como de esclarecimento. É, ao

mesmo tempo, um pronto-socorro e uma escola no plano invisível. Dependemos tanto das energias do lado de lá, quanto também eles precisam das nossas do lado de cá (basta lembrarmos o importante trabalho das vibrações coletivas às quintas-feiras).

Regras e Proibições

Se o processo de construção e manutenção de um ambiente altamente espiritualizado depende da conscientização e da formação de uma mentalidade, como vimos, então a adesão aos nossos princípios deve ser interior e não exterior. Não precisamos ficar inventando regimentos para serem pregados nas paredes. Devemos sim preocuparmo-nos com a formação de uma mentalidade elevada.

Quanto silêncio deve haver no Centro Espírita? Simplesmente o necessário. Necessário para todas as atividades exercidas nos dois planos. Quando a cordialidade e a vivência de fraternidade passam a atrapalhar o ambiente? Nunca, mas uma efusividade bulhenta nos cumprimentos não quer dizer fraternidade, mas talvez inconsciência

quanto aos compromissos espirituais. Em que medida os assuntos da conversação devem ser evitados? Sempre que não contribuir para o bem geral. Que vestimentas podemos ou não podemos usar? Devemos usar somente as vestes adequadas ao ambiente em que

estivermos (regra, aliás, válida para todos os lugares, não só para o Centro Espírita). É proibido os trabalhadores conversarem antes do trabalho? Tanto quanto a conversação servir simplesmente para exemplificar **descaso** com o próprio trabalho e com o próprio ambiente.

**As normas de conduta
devem estar escritas
na consciência**

**Se realmente vivemos
segundo o princípio de
que somos espíritos
eternos e que a
encarnação é ferramenta
para crescimento
evolutivo ...**

Portanto, regras escritas no papel quanto à postura do trabalhador são desnecessárias, se houver uma consciência individual adequada. Essa é a proposta que levam todos os participantes deste 1º Seminário da Aliança de 95: Debater e viver abertamente tais questões de postura e de mentalidade, para oferecermos a Deus um trabalho produtivo no bem. ■

COMUNHÃO PELA PRECE

É necessário manter constante comunhão com o Plano Espiritual, recolhendo-se, pelo menos uma vez por dia, ao silêncio do mundo interno, na adversidade como no êxito, no sofrimento como no bem estar, para buscar diretamente a Deus.

A prece mecanizada, sistemática, decorada, é quase inútil, podendo mesmo representar uma ofensa a Deus, por significar desprezo aos canais sempre abertos da inspiração, que nos mantêm sintonizados aos céus, a qualquer hora, em todos os momentos da vida.

Edgard Armond.

Tema nº 48 de "Na Semeadura", vol. 1.

O LIVRO DOS MÉDIUNS, DE ALLAN KARDEC

Maria Helena Fernandes Leite

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, é uma preciosidade porque temos em mãos as indicações das relações mais evidentes da Ciência Espírita com as demais Ciências contemporâneas.

Este livro jamais será superado, é sempre atual, é a base para rasgar novos horizontes para as concepções científicas dos nossos dias.

Sabemos nós que o ponto de partida das pesquisas de Allan Kardec foi em Paris, em 1854, (Obras Póstumas, página 265, FEB), assistindo a reuniões onde as mesas girantes respondiam inteligentemente a perguntas feitas por populares, ele, Kardec, concluiu e expôs cientificamente o axioma: **para um efeito inteligente tem de haver uma causa também inteligente** - . (O Livro dos Espíritos, Conclusão, item IX, 5º parágrafo).

Allan Kardec começou suas pesquisas de forma rudimentar. Inicialmente interrogava as mesas girantes, as quais sob a impulsão dos Espíritos, em verdade, respondiam comondo palavras e frases através de pancadas no chão.

As reuniões públicas em que se realizavam esses fenômenos foram despertando cada vez maior interesse. Posteriormente, um método mais prático facilitou a comunicação dos Espíritos: adaptou-se um lápis à ponta de uma leve cestinha, a qual ao leve toque de um médium se deslocava, grafando diretamente respostas às mais variadas perguntas.

Logo, os próprios médiuns passaram a segurar o lápis e a escrever as mensagens que lhes eram trans-

mitidas pelos Espíritos, começando, assim, a psicografia indireta.

O mediunismo - **fenômeno** - atingia o ápice e Kardec submetia às entidades invisíveis as mais variadas questões. Organizou 501 perguntas, obtendo as respectivas respostas, e pôs à venda, então, em 18 de abril de 1857, a primeira edição de "O Primeiro Livro dos

**Pela primeira vez, após
séculos de escuridão,
falava-se claramente em
vida após a morte**

Espíritos". Dando, porém, continuidade às suas pesquisas, reestruturou esse livro, e, em 18 de Março de 1860, contendo 1019 perguntas e suas respectivas respostas, pôs à venda, a segunda edição, com o título "O Livro dos Espíritos", instituindo, assim, definitivamente a religião Espírita para o maior bem da Humanidade.

Com a edição desse livro ficou decretado o declínio da importância do - **fenômeno** - para crescer a evidência e a importância do conhecimento e da vivência da Moral Evangélica enriquecida pela Ciência Espírita e pela Filosofia Espírita.

Em 1858 Kardec publicou um pequeno volume intitulado "Instruções Práticas sobre as manifestações Espíritas". Em 1861 esse livro foi substituído pela primeira

edição de "O Livro dos Médiuns". Com a publicação deste livro, Kardec considerou o "Instruções Práticas" superado. Seu desejo era que as pessoas estudassem profundamente o problema do **fenômeno** mediúnico, alcançando, assim, os recursos da ciência da **mediunidade**.

Em 1862 foi feita a segunda edição de "O Livro dos Médiuns", lançada pelo livreiro e editor Didier & Cia., sob a revisão pessoal de Kardec, contando sempre com a colaboração dos Espíritos, edição essa acrescida de grande número de observações e instruções da mais alta relevância, ficando como edição definitiva.

Este segundo volume da Codificação Espírita desenvolve a parte prática da Doutrina Espírita. É o livro básico da Ciência Espírita. É um tratado de mediunidade, indispensável a todos os que se interessam pela boa realização dos trabalhos mediúnicos.

O seu conteúdo se alastrou logo. Pela primeira vez, após séculos de escuridão, falava-se claramente em vida após a morte.

Embora a idéia da continuidade da vida após a morte ter sido sempre uma preocupação do homem, o assunto era uma questão de fé, mas sem muitos esclarecimentos a respeito. Aceitava-se mas quase não se falava sobre isso, era um dogma obscuro. Hoje, graças ao "O Livro dos Médiuns" é uma ciência com profunda repercussão moral, religiosa e filosófica.

A edição desse livro reforçou a prova tangível da comunicação entre encarnados e desencarnados.

Os Espíritos explicavam que haviam chegado os tempos assinalados pela Providência para a sua manifestação universal. E os Espíritos diziam a Kardec: "Entrega-te com zelo e perseverança ao trabalho que já empreendeste com o nosso concurso".

Mas a França, ainda em dúvida no que concerne às manifestações espíritas, pois teorias contrárias começavam a surgir, precisava que lhe fosse desferido um grande impacto.

Diz-nos Allan Kardec: "A abundância de manifestações e sua variedade bastariam para

deixar provada de uma vez por todas, sem nenhuma possibilidade de dúvida, a realidade da sobrevivência espiritual do homem". Mas a cegueira humana é bem maior do que podemos imaginar. Kardec precisava de um reforço, um grande acontecimento de alta repercussão para dar força à sua teoria.

A Providência age imediatamente. Na Escócia havia um jovem de 23 anos, cuja mediunidade de efeito físico poderia ajudar a missão de Kardec nesse sentido.

O jovem Daniel Douglas Home, aconselhado pelo seu médico, muda-se para Paris cujo clima era favorável à sua saúde, onde chega em 1855, justamente no momento em que as manifestações mediúnicas começavam a se popularizar mas as teorias contrárias começavam a surgir.

Esse rapaz foi o predestinado a desferir o grande acontecimento. Sob sua influência ouviam-se os mais estranhos ruídos, o ar se agitava, os corpos sólidos se moviam, levantavam-se, transportando-se de um lado para outro através do espaço, instrumentos de música produziam sons melodiosos, apareciam seres do mundo extracorpóreo que falavam, conversavam,

escreviam, e, por vezes até abraçavam os circunstantes.

Daniel possuía uma irmã que também era médium, com capacidade mediúnica maior que a dele, e os dois juntos realizaram fenômenos que fariam até esmaecer os de Moisés.

Colaboraram com Kardec outros grandes médiuns, como a Srta. Desiré Godu, médium curadora, submetida à observação do médico, Dr. Molviéry, era um exemplo de atenção de Kardec para o campo das manifestações mediúnicas.

Nada escapava à vigilância de Kardec no plano doutrinário.

Um dos estudos mais curiosos é o referente ao episódio histórico de Maria D'Agreda, a religiosa espanhola que cristianizou os índios do Novo México, na América, através da mediunidade de desdobramento ou bilocação.

O número de comunicações altamente esclarecedoras dadas por Espíritos como Homero, Lázaro, Munet, revela a pureza do clima espiritual em que se desenvolviam as Sessões Espíritas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Kardec, e também nos diversos Centros e Grupos que colaboravam ativamente com Kardec.

Médiuns como Eusápia Paladino, jovem napolitana de apenas 14 anos de idade e que era submetida à observação de dezenas de cientistas. Era médium de efeitos físicos. Por sua atuação, rostos, mãos, eram plasmados e instrumentos

musicais eram acionados sem o toque de dedos.

Médiuns, como Florence Cook, que, através da sua mediunidade de materialização, possibilitava ao Espírito Kate King materializar-se inúmeras vezes para que se estudasse esse fenômeno.

Bem, sessenta e cinco anos mais tarde, Jean Meyr, que presidia a Casa dos Espíritos, em Paris, achou conveniente lançar nova edição do "Instruções Práticas". Esta edição despertou, no Brasil, o interesse de Cairbar Schutel, que, após entendimento com Jean Meyr, pôde lançar a primeira tradução brasileira dessa obra.

Nova edição foi lançada em 1938 pela Casa Editora "O Clarim", a mesma de Schutel, como parte das comemorações do primeiro centenário de seu fundador.

"Instruções Práticas" se impôs novamente no meio Espírita, como livro necessário em virtude do seu caráter de síntese. Apresentado que foi por Kardec como preâmbulo de "O Livro dos Espíritos".

Mas, voltamos à segunda edição de "O Livro dos Médiuns", a que ficou definitiva, por ser a mais completa, para podermos estudar mais a fundo o problema mediúnico como desejava

Kardec.

Seguindo-a atentamente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos e comuns, contra os quais vão se chocar tantos neófitos inexperientes.

Os que forem enganados ou mistificados, certamente, não poderão queixar-se senão de si mesmos, porque têm todos os recursos e meios para se esclarecerem, compulsando "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns", evitando, assim, qualquer possibilidade de desvios prejudiciais.

Com a edição do Livro dos Espíritos ficou decretado o declínio da importância do fenômeno

Os Espíritos explicavam que haviam chegado os tempos assinalados pela Providência para a sua manifestação universal

AINDA 1º SEMINÁRIO AEE-95...

Procurando corroborar com o assunto central do Primeiro Seminário da Aliança Espírita Evangélica, levado a efeito dia 28-01-95, encontramos os seguintes respaldos nos livros atinentes à Doutrina Espírita:

No "O LIVRO DOS ESPÍRITOS": "Os Espíritos superiores gostam das reuniões sérias em que predominem o Amor do bem e o desejo sincero de instrução e de melhoria. (Reforma Íntima). Sua presença afasta os Espíritos inferiores." (*Introdução Ao Estudo da Doutrina Espírita, item VI*).

"Dissemos que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, àquelas sobretudo em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de bons sentimentos. A leviandade e as perguntas ociosas os afastam, como entre os homens afastam as criaturas ponderadas. (*Introdução Ao Estudo da Doutrina Espírita, item VIII*).

No "O LIVRO DOS MÉDIUNS": "As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das idéias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais. (*O Livro dos Médiuns, Cap. XXIX*).

"O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões frívolas. (*Idem, idem*).

"As reuniões instrutivas... são as em que se pode haurir o verdadeiro ensino... a primeira condição é que sejam sérias, na integral acepção da palavra, não podendo o sublime aliar-se ao trivial, nem o bem ao mal, quem quiser obter boas coisas precisa dirigir-se a bons Espíritos. ... Uma reunião só é verdadeiramente séria, quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais. ... Assim, pois, afasta-se do seu objetivo toda reunião séria

em que o ensino é substituído pelo divertimento. (*Idem, idem*).

"Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for. ... Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. ... Há ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões. ... Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, os Espíritos se preparam antecipadamente a comparecer e é raro faltarem. (*Idem, idem*).

No livro "NOS BASTIDORES DA OBSESSÃO" - Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda: "Para que uma sessão Espírita possa interessar os Instrutores Espirituais, não pode abstrair do elevado padrão moral de que se devem revestir todos os participantes, pois que se o cenho carregado e sisudo na Terra pode apresentar um homem como sendo de bem, em verdade, só a exteriorização dos seus fluidos - isto é, a vibração do seu próprio espírito, que é resultante dos atos morais praticados - o distingue das diversas criaturas, oferecendo material específico aos Instrutores Descarnados para as múltiplas operações que se realizam nos abençoados núcleos espiritistas sérios, que têm em vista o santificante programa de desobsessão espiritual". (*Páginas 46/47*).

No livro "NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE", de André Luiz: "Analisando a psicoscopia de uma personalidade ou de uma equipe de trabalhadores, é possível anotar-lhes as possibilidades e categorizá-lhes a situação. Segundo as radiações que projetam, planejamos a obra que podem realizar no tempo." (*Cap. II, página. 23*).

No livro "NO INVISÍVEL", de Léon Denis: "As influências humanas atraem inteligências similares, e as manifestações revestem um caráter em harmonia com as disposições,

as preferências, as aptidões do meio." (*Capítulo IX, Página 97*).

"Os processos de investigação usados no mundo físico não se podem adaptar ao plano psíquico. Neste são os **pensamentos** que entram em ação. Os **pensamentos** são forças. São eles que lapidam e lentamente modelam o nosso ser interior." (*Idem, página 107*).

No livro "A GÊNESE", de Allan Kardec: "Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o **pensamento** e a **vontade**. Para os Espíritos, o **pensamento** e a **vontade** são o que é a mão para o homem encarnado." (*Capítulo XIV, item 14*).

"Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembléia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. ... Se o conjunto é harmonioso, agradável é a impressão; penosa, se aquele é discordante. Ora, para isso, não se faz mister que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre." (*Idem, idem, item 19*).

FINS DA CRIAÇÃO

O espírito é uma partícula, uma emanção, um pensamento de Deus, submerso na carne, apagado na escuridão da matéria; mas, com o tempo, evoluindo, vai se exteriorizando, transformando-se em luz, até que possa, finalmente liberto, passar a colaborador consciente e valioso da Divindade, no governo dos mundos.

O fim da criação é, então, este: permitir que os pensamentos divinos se transformem em seres vivos, individuando-se e aperfeiçoando-se através das formas transitórias, para a eternização das construções espirituais do amor.

Edgard Armond.

Tema nº 50 de "Na Semeadura", vol.1.

ÀS CRIATURAS DE BEM

Edgard Armond

Solidárias são as forças que impulsionam as transformações essenciais ao progresso e ao esclarecimento dos seres.

Este Planeta está prestes a oferecer, àqueles que anseiam minorar o sofrimento de seus irmãos, enorme oportunidade de trabalho dentro da solidariedade, virtude que abrange requisitos de valor inestimável, perante o ciclo de transformações que advirá.

Não se trata simplesmente de dar abrigo aos necessitados e famintos de toda espécie, mas, o que é primordial, solidarizar-se aos apelos constantes que virão de toda parte, do enorme contingente de desesperançados e angustiados que buscarão a Luz diante do sofrimento.

Todo trabalho é valioso quando se trata de amparar o irmão necessitado e aflito, porém, reajustar aquele que enveredou pelos caminhos tenebrosos e inconseqüentes do obscurantismo, é sem dúvida, magnífico atributo das Criaturas de Bem.

Na luta constante que empreendemos diante da vida, cada minuto é preciosa lição restauradora, divina bênção de luz a iluminar nossos Caminhos!

Aprendemos, entretanto, que não estamos sós! Caminham conosco milhares de irmãos cujos sentimentos nos obrigam a refletir e a ponderar na causa constante do sofrimento e da amargura! Na operosa força que estimula nossos Instintos Superiores! Nos valores

insofismáveis com que fomos agraciados pelo Pai!

Diante desses argumentos, por quê nos opormos ao destino verdadeiro? Não nos deixemos quedar pelas vozes que murmuram aos nossos ouvidos imprevidentes sentimentos inferiores e sombrios. Busquemos, antes de tudo, a Luz Interior, cuja chama se acende de maneira indelével dentro de cada criatura humana. Esta chama é, sem dúvida, a única força a ser vivificada e na qual devemos investir, como recurso valioso a nosso próprio favor e para o maior Bem de todos.

É a semente que deve ser regada cuidadosamente, a cada dia, protegida das ervas daninhas que são os instintos inferiores. Devemos adubá-la, dia após dia, através do esforço, torná-la vigorosa e suficientemente fortalecida pela determinação inquebrantável, transformando-a, desta forma, em bela árvore frondosa e altaneira, em cuja sombra possam se abrigar aqueles que necessitam de paz e de consolo.

A antiga exortação bíblica: "**CRESCEI E MULTIPLICAIVOS**", expressa com grande sabedoria esta verdade: "Tornai-vos grandiosa Luz a iluminar os Caminhos e multiplicai os vossos méritos através do esforço próprio e do trabalho."

Esse é o nosso destino!

(Mensagem mediúnica recebida no Centro Espírita Tiago).

TRABALHO REDENTOR

Queridos irmãos em Cristo. São várias as dificuldades, e quem está falhando são os trabalhadores das casas. Preciso é que todos se amem, que amem o trabalho redentor, que entendam os princípios da Doutrina Espírita, aplicando-os dia após dia. Trabalho de caravanas, de auxílio ao próximo, deve ser regra para todo aluno de Escola e porque não também para os antigos trabalhadores? Precisamos nos fortificar na fé com amor no coração, ver em cada companheiro de trabalho um irmão querido, pois já foi dito que

"só o amor constrói". Abracemos a doutrina na sua essência, sem nos deixarmos levar por novidades que não nos auxiliam em nada, ao contrário, nos deslumbram e nos desviam do caminho que o Cristo nos traçou. Muito trabalho ainda existe a realizar, e é preciso formarmos, através das Escolas, trabalhadores, aptos ao serviço do Mestre. Fortifiquem as Escolas e já teremos um bom começo. Que Jesus abençoe a todos!

*Um irmão de fé
Mensagem recebida em 11/03/94, no
CEAE-Genebra*

CORAL FRATERNIDADE

Como acontece em todos os anos, também em 1994 nosso Coral Fraternidade teve suas atividades intensificadas no mês de Dezembro, com os seguintes compromissos cumpridos:

dia 04 - Participação no encerramento do ano no CVV/Abolição;

dia 11 - Momento de Fraternidade - Ingresso na FDJ da Regional Capital;

dia 17 - Encerramento das atividades de 94 da Evangelização Infantil no CEAE/Genebra;

dia 18 - Visitas: Hospital Infantil Cândido Moura (Móoca) e Clínica de Reabilitação Fênix (em especial à nossa querida companheira D^a Maria José Ferrari Moreira).

Assim, uma vez mais, tivemos a felicidade de levar a mensagem do Evangelho, através do canto, a muitos irmão que partilharam conosco a alegria da música.

Convite:

Companheiro, lembramos que a nossa atividade é um trabalho na Seara de Jesus. Se você aprecia a música e tem disponibilidade para este trabalho, venha participar dos nossos ensaios, aos domingos, das 9:00 às 12:00, no CEAE-Genebra. Esperamos por você !!

"Não saia de vossa boca ne-nhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem." (Paulo, Efésios, 4, 29)

O TREVO

Nº 248 - Fevereiro de 1995

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168 - CEP

01316-010

São Paulo - SP

Fone: (011) 607.5304

Fax: (011) 605.9448

Diretor Geral da
Aliança Espírita Evangélica:

JACQUES A. CONCHON